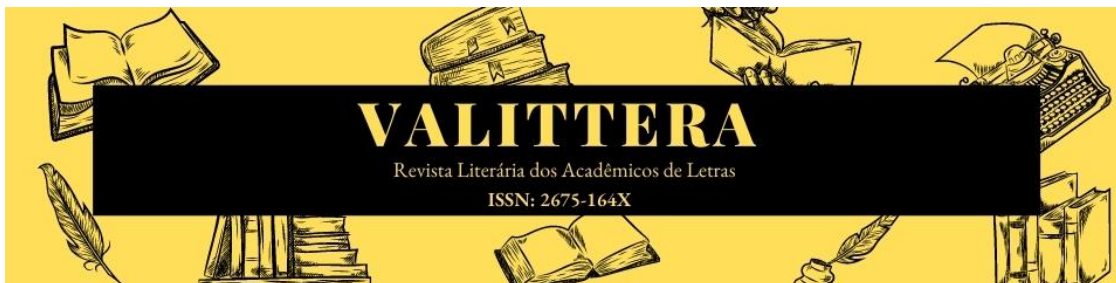


A COROA DA PERPLEXIDADE

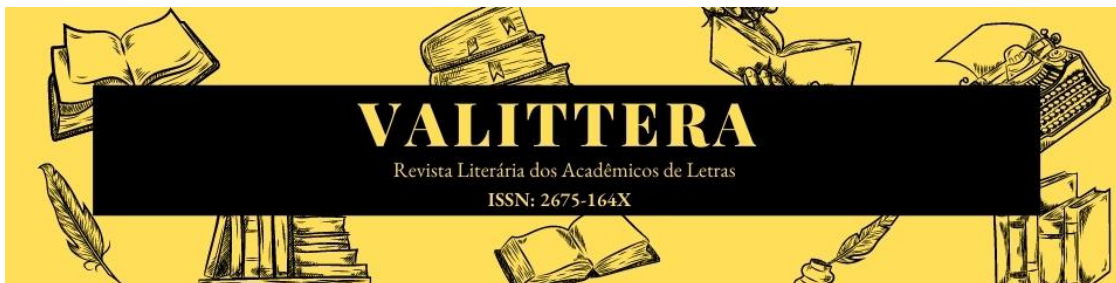
Vinicius Bandeira¹

Sem deixarem de temer a morte e ansiarem pela vida
A avidez por notícias
Notícias vis-à-vis
A despedida dos seus
A última partida
Nenhuma auspiciosa
De novo rezaram
De novo choraram
De novo esperaram a sua vez na fila
O deploro digno diante da vida e da morte
Lamentaram tanta dubiedade entre viver e morrer
A se sentirem vivos e mortos
Uma diferença tão tênue e tão indiferente
Sempre a serem os mesmos
Tanto vivos quanto mortos
Na televisão uma coroa cheia de protuberâncias
A espirrar de si diversos males da vida
Ovos de uma serpente a enlouquecer com seus guizos
O encantamento da serpente a trazer desencanto a todos

¹ E-mail: viniciusbandeira@gmail.com



Males a se transformarem em mortes e males diversos
A morte de tantos e tantas
Muitos mais eram os a não terem morrido
Destinados à prisão sem justa causa em seus domicílios
À prisão em leitos cercados de heroicos homens e mulheres
Vestidos de brancos portadores de ciência e coragem contra o mal
O mal contra todos indiferentemente
O mal livre igualitário, porém, radicalmente não fraterno
A luta do bem contra o mal
Talvez ainda não fosse o juízo final
Como saber diante da impossibilidade de todos
Diante de qualquer juízo e por quê?
Que culpa têm por estarem lançados a viver?
A vida perdida a cada batalha contra esse ser invisível e universal
Onde está onde está onde está ele agora?
Nesse momento em que todos somos vítimas
Ao menos nos irmanemos
Nossa bandeira é única
A mostrar-nos dignos diante da vida e da morte
E se há um lastimo geral pela morte
A vida que se digne a ser digna de nós
A expectativa pela próxima vítima
Quem será quem será quem será a seguir
A perder a vida o emprego a esperança?
A entrar em desesperança
Sem razão de viver?
Será a vida um absurdo camusiano?
Um enredo de novela de televisão antes fosse



Dos males sempre o menor
Por via das dúvidas mantenham-se distantes uns dos outros
Porém cada vez mais próximos uns dos outros